ANO 12.º | Sabado, 17 de Maio de 1919 | Numero 570

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita
—Impressão na Tip. Nacional
R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

BOLCHEVISMO

Não está positivamente travada a luta, porque o bolchevismo no nosso país é grama daninha que não péga facilmente e os exemplos de Lisboa não são mais do que as manifestações duma minoria que não tem o direito de impôr as suas tresloucadas teorias á massa, quasi total, da população lusitana.

Porque a verdade é esta: os *bolchevistas* portuguêses limitam-se a alguns milhares de creaturas em Lisboa e Porto e alguns centos na provincia que ignoram o que seja o bolchevismo; que falam de bolchevismo sem saber o que dizem e por duas razões muito simples: a primeira porque ainda no nosso país ninguem definiu claramente, falou desassombradamente sobre bolchevismo; a segunda, porque o pouco que está escrito—ou o muito que o estivesse—os nossos operarios não o liam, a maioria porque a biblioteca que eles usam frequentar é, geralmente, a taberna; e os outros porque não compreenderiam o que liam.

Não é novidade para ninguem que o bolchevismo, tal como se está aplicando na Russia, é um amontoado de ignorancias, onde impéra o mais feroz banditismo, onde a lei é a vontade despótica de meia duzia de intolerantes que pretendem levar o povo á convicção de que, vencendo a revolução, a peste, a fóme, a miseria, o sangue, o assassinato, o arbitrio, a perseguição, deixarão de existir, como se o equilibrio social, economico e financeiro de um país se estabelecessem por milagre como nas magicas de algapão.

E' preciso ser-se muito cégo—e o peior é o que não quer vêr—para se desejar que a revolução russa, com todo o vergonhoso estendal das suas vergonhosas iniquidades, se estendesse a Portugal.

E é preciso desfazer a baléla de que cá fóra não se sabe o que se passa na Russia e que é falso tudo quanto os jornaes dizem a tal respeito.

Sabe, sim senhores! Sabe-se muito bem. E nega-lo é justificar que a imprensa que no nosso país tão inconscientemente defende o bolchevismo, usa muito da divisa jesuitica — *os fins justificam os meios*.

E' justo que se faça propaganda de principios que possam melhorar a situação moral e material de qualquer classe, mas advogar a extensão a Portugal duma orgía de sangue e lama, onde se decreta a mulher como propriedade do Estado, exactamente como qualquer rebanho de animaes; onde se legisla sobre a destruição do lar, fabricando casamentos a praso fixo, como letras a vencer em negocio de caloteiros; onde se institue o *bonus de amor*, como se a mulher fôsse egua de cobrição em caudelaria municipal; onde o soldado ignorante tem o direito de discutir as ordens de caracter tatico, estratégico ou disciplinar dos seus superiores; onde o cocheiro analfabeto, presidente do *soviet*, manda enforcar o seu antigo patrão por misera vingança, é ser, além de inconsciente, mau português.

A vitória da *União Sagrada* no concelho de Aveiro foi tão honrosa que dela ainda nada se atreveram a dizer os refinadissimos intrujões da Vera-Cruz.

Dar-se-á o caso que, pela primeira vez na vida, se tivessem envergonhado de si mesmo?

Films...

Outro manifesto

O irrequieto snr. Bernardino Machado enviou de Paris nova enciclica a que pôz o titulo de—*Palavras urgentes*—e que longe de produzir os efeitos que ele desejava, lhe valeram as *palavras oportunas* de alguns dos mais conceituados orgãos da imprensa com as quaes não havia de ficar lá muito satisfeito.

Pois que julga o ex-presidente?

Os felizes

Noticiam os diarios de Lisboa que foi assinado um decreto nomeando o major Maia Magalhães para o cargo de governador da provincia de Cabo Verde, com o ordenado anual de sete contos, redondos.

Melhor do que ser ministro...

A féra...

Da Haia comunicaram para Londres que o governo holandez decidiu entregar o ex-kaiser aos aliados.

Raio de presente!...

Previsões

Segundo um colega, dos que conhecem, sem oculos, o taboleiro eleitoral do país, a câmara dos deputados ficará assim constituida: democraticos, 85; evolucionistas, 38; unionistas, 17; socialistas, centristas e independentes, 20. Quanto ao senado, calcula que os democraticos devam ganhar 35 cadeiras. E conclue:

> Se a câmara dos deputados ficar constituida pela fórma acima indicada, os democraticos não poderão governar por si, tendo de fazer blóco com evolucionistas ou unionistas. Em todo o caso, continuarão a ser arbitros da situação.

Achâmos optimo. Principiaram, devem acabar.

Já agora, até ao fim.

A verdade

Mayer Garção, o scintilante jornalista de *A Manhã*, emite a opinião de que o saneamento das repartições se não faz porque *os partidos da Republica, todos os partidos da Republica estão cheios de antigos monarquicos, besuntados de verde e encarnado, que não pódem deixar de fazer esforços para salvar os seus correligionarios da vespera.*

E com efeito assim é. E enquanto assim fôr, enquanto esses agrupamentos não se depurarem, a Republica hade fatalmente ressentir-se porque essa gente, eivada de todos os vicios, considera-se até impotente para arripiar caminho.

Pois não se viu ainda no domingo o processo como foram feitas as eleições nas assembleias da Vera-Cruz, Esgueira e Oliveirinha, no concelho de Aveiro?

Que mais será preciso salientar para completa confirmação das verdades escritas na *Manhã*?

PELA IMPRENSA

«O Jornal de Vagos»

Sob a direcção do novel bacharel em direito, Antonio Lucio Vidal, veio novamente á publicidade este semanario do visinho concelho, que se apresenta bem redigido e com acentuada feição republicana.

Com as nossas saudações, o desejo de que a sua vida se prolongue com prosperidades.

As eleições no continente

Decorrem sem entusiasmo caracterisadas por a abstenção, quasi geral, do eleitorado

E, assim, os 'republicos, de Aveiro praticam escandalosas falcatruas

Ha muitos anos que no concelho de Aveiro se timbrava por imprimir aos actos eleitoraes um cunho de legalidade que honrasse os republicanos e ao mesmo tempo servisse de exemplo e lição educativa.

Assim, nos ultimos tempos do regimen monarquico, a fiscalisação republicana evitou, por muita vez, que se repetissem os casos macabros de roubos e violações de urnas, em que eram eximios não só os nefastos politiqueiros da Vera Cruz como tambem alguns dos seus antagonistas.

Veio a Republica e os actos eleitoraes que se lhe seguiram, todos eles, primaram naturalmente pela legalidade com que decorreram, ufanando-se orgulhosa e justificadamente os partidarios do novo regimen que, com exemplos bem frisantes e bem publicos, estabelecia a moralidade e o respeito em bases que todos supunham, duma vez para sempre, definitivamente assentes.

Porêm, para vergonha nossa e deprimente ofensa das instituições, acaba de apagar-se no espirito de quantos, apregoando a inquebrantibilidade do seu partidarismo, tomaram parte nos trabalhos eleitoraes de domingo, a indispensavel rigidez de principios que em todos os tempos foi o mais alevantado apanagio de bons republicanos, visto que, deixando-se catequisar pela nefasta e impudica escola dos que sendo monarquicos ferrenhos até 5 de Outubro, passaram a ser *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos* com toda a desfaçatez depois dessa data, para continuarem cometendo as mais baixas, as mais torpes tropelias que em materia eleitoral se póde imaginar!

Miseraveis!

A nove anos de Republica, invertem-se—com profunda mágoa o dizemos—os papeis; e, assim, onde agora impéra a fiscalisação monarquica, mantem-se o respeito á lei, a consagração á verdade!

A este motivo se deve, sem duvida, a legalidade com que funcionou a assembleia da Gloria, nesta cidade, onde o recenseamento acusa um total de 615 eleitores, tendo votado apenas 227, o que se verificou.

Apossa-se de nós, ao constatar semelhantes factos, como que um desalento que nos molesta e deprime. Mas logo se lhe seguem impetos de desespero, de colera, de revolta contra todas as afrontas aos nossos sentimentos republicanos praticados por quantos se arvoram em defensores estrenuos do regimen, só para na primeira oportunidade atentarem contra a moralidade, a honra, o prestigio imaculado dos principios que professámos.

A base principal do acto a que se acaba de proceder deve ser a Verdade, como garantia expressa e condição indispensavel desse mesmo acto. Para que tal suceda e validamente resulte, é preciso que se faça scientemente. Onde não ha luz e não ha verdade, não póde haver legalidade. Fóra disto tudo é nulo de per si. E quanto se praticou nas assembleias deste concelho, exceção aberta á da Gloria, repetimos, está por sua natureza nulo.

A chapelada da Vera-Cruz assim como o decorrer de todos os trabalhos, é simplesmente uma vergonha, é unicamente uma afronta á moralidade e ao regimen!

Não são, não são republicanos, mil vezes o dizemos, aqueles que assim procedem!

Ser republicano não é só dize-lo, apregoa-lo, afirmá-lo.

Para ser republicano necessario se torna ter no intimo da alma, nesse sacrario intangivel, a purêsa do principio professado, amando-o, respeitando-o, cumprindo-o.

Ser republicano é ligar por estreitos laços indissoluveis e eternos, as palavras á acção, dignificando, engrandecendo através de todos os sacrificios o Ideal de purêsa que une o infinito moral ao infinito material.

Ser republicano não é trazer para a Republica os vicios, os erros, os crimes, que deveriam ficar calcinados no rescaldo das antigas e degradantes paixões que ruiram em 5 de Outubro, nos gritos anciosos e sagrados da Republica.

Ser republicano é não consentir que se continuem escrevendo paginas na Historia, que sejam o desmentido cruel e infame do que se passou no regimen deposto e que tão seguro alicerce foi para os nossos protestos e para os nossos combates.

O que se passou na assembleia da Vera-Cruz é afrontoso, é repugnante, é corrupto!

E', no genero, a primeira nodoa lançada sobre a bandeira republicana em Aveiro e essa nodoa alastrou-se, atingindo Esgueira e Oliveirinha, alcançando Ilhavo, Agueda, etc., onde tudo se esqueceu para se alardear da grandêsa duma vitória, que, afinal, nunca existiu!

Na Vera-Cruz dos 657 eleitores recenseados, apareceram 538 listas entradas!

Quando, quando é que esses eleitores passaram em frente da urna?

Em Ilhavo, segundo informações que recebemos, prenderam-se todos os cidadãos de quem se suspeitava serem desafectos ao democratismo local.

E, contudo, quanto escrevemos no numero passado sobre a situação, era a pura expressão da verdade—o alheiamento, a indiferença publica por o acto eleitoral que a vinte e quatro horas se deveria realisar!

Esse alheiamento foi geral. Em Lisboa computam-se em 40:000 as abstenções e a pobreza da votação ali reunida justifica por absoluto o que dizemos.

Pois no concelho de Aveiro, com a mesma facilidade com que alguns monarquicos se fizeram republicanos, a indiferença transformou-se em entusiasmo e as votações atingiram a elevação numerica que apenas concretisa a desvergonha, o impudor, a imoralidade de quantos não vacilaram em as... registar.

Farça, farça, ignobil farça, que tudo isso foi!

A debandada

O sr. dr. João de Deus Ramos, que é um espirito culto e uma figura das de maior relevo moral da Republica, enviou no meado da semana finda ao Directorio do Partido Democratico, a seguinte carta:

Ao Directorio do Partido Republicano Português, para os devidos efeitos, faço saber o seguinte:

O meu criterio politico diverge, de ha muito, da maneira por que os dirigentes do Partido Republicano Português teem conduzido a politica interna da Republica. Remonta essa divergencia para além do movimento revolucionario de 5 de Dezembro de 1917, tendo-a eu manifestado, não só, na intimidade, a vários amigos e correligionarios, mas, clara e frisantemente, numa memoravel sessão do antigo Grupo Parlamentar Democratico, seis meses antes de alcançar clamoroso sucesso o dezembrismo. As razões patrióticas (e ainda as de ordem pessoal—de admiração e amisade—em relação ao ex.mo sr. dr. Afonso Costa) que me aconselhavam a manter uma atitude prudente e reservada, não subsistem presentemente. Aproveitando, pois, a oportunidade para recuperar a minha plena liberdade de acção e de opinião, como cidadão e como politico, venho declarar a V. Ex.as que, desde a presente data, me considero desligado do Partido Republicano Português, reservando-me o direito de dar imediata publicidade a esta declaração.

Lisboa, 8—5—1919.

Saude e Fraternidade.

(a) **João de Deus Ramos**

Escusado será dizer que a resolução do antigo parlamentar se tornou sensacional nos meios politicos.

* * *

Na Covilhã, Viana do Castelo e outras localidades que neste momento nos não ocorrem, o exodo das fileiras democraticas é completo.

Por sua vez, o sr. dr. Afonso Costa telegrafou antes das eleições a uma personalidade da sua maior confiança, reeditando a resolução em que está de não tomar parte no Parlamento futuro, achando, portanto, inutil a sua eleição.

Que dirão agora os que nos acusavam de *indisciplinados* por condenarmos os processos politicos de que foi useiro e veseiro o partido democratico?

O "reino,, do Porto

Entretanto o semi-governo monarquico tomava posse da cidade, nomeando autoridades, destituindo outras, armando voluntarios, chamando algumas tropas do norte, etc.

No governo civil ficava instalado o ministerio do reino (Solari Alegro); no quartel general, o ministerio da guerra (Paiva Couceiro); na Universidade, os ministerios justiça, instrução e negocios eclesiasticos (visconde do Banho); e no proprio dia 20 com data de 19, foram publicados os decretos que restauravam a bandeira azul e branca e o hino da Carta, mandando **destruir** as da Republica, revogando toda a legislação republicana desde 5 de Outubro, mandando recolher e apreender armas de fogo, etc., etc.; foram seis decretos logo duma assentada, assinados por todo o meio ministerio desse curioso reino de Ofembaque.

Os republicanos, surprêsos no primeiro momento, interrogavam-se pelos cantos, em pequenos grupos, consultando-se sobre a acção a exercer e perguntando se não seria possivel um golpe de mão sobre o governo de Couceiro, uma tentativa revolucionaria que liquidasse rapidamente essa fantochada da monarquia do Porto.

A ideia da reacção predominou, pois, desde logo, na massa republicana, mas reconhecia-se a impossibilidade de a pôr imediatamente em pratica, por faltar muito ao essencial.

Não havia chefes, não havia agentes de ligação, os grupos não se conheciam, de alguns nem se sabia a existencia, de muito material e armamento ignorava-se o seu paradeiro por estar a cargo de republicanos presos.

Entretanto, para animar os seus e abater os republicanos, *A Patria* publicava em grosso normando um *A' ultima hora*, com os seguintes informes:

As ultimas noticias de Lisboa dão, como certo, o seguinte:

No Parque Eduardo VII estão, concentradas: cavalaria 2, cavalaria 4, grupos das baterias de Queluz, infanteria 5 e infanteria 16, fieis á Grande Causa.

As tropas restantes conservam-se, tranquilas, nos seus quarteis.

O castelo de S. Jorge e o campo entrincheirado estão, inteiramente, ao lado das tropas acampadas no Parque Eduardo VII.

Ha, apenas, uns grupos de civis e a policia que estão contra a salvação da Patria, mas que, ainda hoje, devem ficar dominados.

Segundo comunicação de Lisboa, recebida no quartel general, os regimentos que estão ao lado da Junta Governativa, saíram para a rua, mantendo-se os outros neutraes.

Apenas se tem dado combates com grupos civis.

Como tinham chegado cá taes informações?

Constava que as comunicações telegraficas estavam cortadas. *O Janeiro* dava a noticia reduzida no texto e tipo ordinario, perdida no meio da terceira coluna da segunda pagina.

Era para desconfiar e todos, de facto,

ficámos desconfiados; de mais, na tarde do dia 20 já não houve comboios para Lisboa.

Era o que mais nos acabrunhava. O isolamento que se ia fazendo em torno de nós, em torno do Porto, o absoluto desconhecimento do que se passava no sul, que não nos permitia sabermos com o que poderiamos contar e como congregar os nossos esforços pára acção conjunta e oportuna com os republicanos do sul.

E esse vácuo, esse afastamento, acentuava-se cada vez mais, maniétandonos, inutilisando-nos, abatendo-nos, por vêrmos perdido, inutilisado, sem valor, o nosso esforço, a nossa acção, a nossa dedicação de republicanos e de patriotas.

Era isto que nos desolava, que nos amortecia os braços. Nada podermos fazer de imediato por não sabermos o que poderiamos fazer, com o que poderiamos contar.

E nestas perplexidades, onde mal bruxoleava a luz mortiça de uma esperança, as horas passavam longas, arrastadas, incertas, entre a discreta indiferença da grande massa popular do Porto e a vozeria aflautada da garotada que a policia já pozera a soldo de 1 escudo por dia e por cabeça, para animar o pouco entusiasmo realengo duma população inteira que no seu significativo silencio mostrava bem os seus sentimentos para com a burlesca monarquia dos paivantes.

A *Patria*, de terça-feira, 21, continuava de arraial. Bandeiras, trofeus, *en-tête* a circundar um grande retrato dessa figura constante, tão constante quanto ridicula de todos os couceiristas —Paiva Couceiro.

Artigo laudatorio de Pereira de Souza. Pois de quem?

Meu comandante!—começa o homem *—depois de el-rei, só a V. Ex.ª poderia dirigir-me com aquele louco e febril entusiasmo com que sempre me viu defender a Causa de que é paladino.*

De todo este passado de luta, pesa-me não ter pertencido ao numero daqueles que, sob o seu comando, provaram o seu valor e coragem em lutas, combates e lances arriscados. Consta-me, porêm, que cá dentro, os que tiveram a coragem de lutar e arrostar com os inimigos da Patria (sic), *tambem fizeram grandes serviços e a eles se deve o triunfo.*

O hemem continuava a fazer pés ao osso que esperava da monarquia e, pela fórma, a osso graúdo. E continuava:

Desses postos dificeis de ocupar, nunca me afastei nem jámais deixei de mostrar que do ideal da redenção da Patria pela Monarquia, dava tudo desde o bem estar da familia até ao sacrificio maximo da vida.

Que tal?...

Pereira de Souza não deixava os seus interesses por mãos alheias e continuava elevando escandalosamente o preço do seu peixe.

Não que a ocasião não era de perder...

Todavia, chegavam noticias da proclamação da monarqnia em Braga, com o maior entusiasmo, o que não admira, em Guimarães, em Barcelos, em Santo Tirso, em Famalicão, etc., atirando ao coração oprimido dos republicanos mais um golpe de desalento, levando-lhe mais uma esperança perdida.

Do sul nada.

De Lisboa, do baluarte onde se fixavam teimosamente os nossos olhos e donde esperavamos a salvação, nada!

Entretanto, organisava-se o *Real. Batalhão Academico do Porto*, armava-se o famoso S. P. S. P., transformava-se a Guarda Republicana em *Guarda Real* do Porto e desenhavam-se as primeiras perseguições aos republicanos.

A atmosfera começava a carregar-se, os nossos corações a oprimir-se e a duvida, a incertêsa do dia de ámanhã a atormentar o espirito daqueles que, juntamente com os seus ideiais, tinham ainda a defender o lar e a familia.

E como num instintivo movimento de defêsa colectiva, os republicanos achegavam-se mais, procuravam animar-se, alentar-se mutuamente contra o desânimo que os invadia, transmitindo-se boatos de que a imprensa não falava, e que por isso mesmo, por que não eram favoraveis á Junta, deviam ter probabilidades de verdadeiros. E perguntava-se por Lisboa, o que haveria do sul.

Mas um facto resaltava como uma boia de salvação em pleno Oceano deserto, perto do nauta que sent. esgotarem-se-lhe as forças pouco a pouco: se Lisboa estivesse em poder dos monarquistas, ou se as forças destes ali fossem de molde a esmagar as adversarias, ou a sua situação de revolta fosse vantajosa, a *Patria* e o *Noticias* teriam já atirado a novidade, em letras de palmo, a todos os ventos da publicidade. O que aí não iria já de entusiasmo! E todavia, pelo contrario, as manifestações eram pobres de tudo: de gente, de calôr, de expontaneidade e especialmente de botas e de gravatas. Parece que eram feitas a medo. Logo ha alguma *nuvem que os ares escurece* a empanar o sol que, apesar de limpido nesses dias, nesses atribulados dias do Porto, parece que não brilhava com todo o seu resplendor para a monarquia de Paiva Couceiro, concluia-se.

Logo, a Republica estava ainda segura em Lisboa; o governo dominava a situação. Era uma nova esperança, era um ténue raio de luz, de calôr, a afagar o entenebrecido espirito, a bater o nevoeiro que a nossa alma vinha envolvendo.

Era um relampago de vida a animar-nos a frouxa existencia, relampago quasi logo apagado pelas noticias da *Patria*, da *Liberdade* e do *Noticias*.

O *conselho de ministros* fazia publicar a seguinte nota oficiosa:

O conselho de ministros, que reuniu depois das 11 horas da noite, apreciou a marcha dos acontecimentos que se teem seguido depois de proclamada a restauração da Monarquia nesta cidade e em muitas outras terras, tendo ocasião de verificar que é excelente a situação militar do governo monarquico e que excede a mais lisongeira expectativa a situação militar.

Ocupou se tambem da organisação do Batalhão de Voluntarios Academico do Porto, que lhe foi patrioticamente solicitada pela classe academica, e da organisação, como corpo separado, do batalhão n.º 5 da antiga Guarda Nacional Republicana, a qual se denominará de ora ávante Guarda Real do Porto.

Discutiu ainda a revogação imediata de algumas leis promulgadas no tempo da Republica.

Adotou as providencias necessarias para a organisação da Fazenda Publica e para facilitar a resolução da crise das subsistencias.

Durante a reunião do conselho, receberam-se comunicações de haver sido aclamada a restauração em Bragança, Famalicão e outras terras.

Em *A' ultima hora* a *Patria* anunciava ainda a restauração monarquica em Ovar, Aveiro e Albergaria, com grande entusiasmo, tendo-se aqui submetido imediatamente aos civis, que em numero de mais de duzentos haviam seguido em automoveis, sob a chefia do famigerado Garrett, a força de cavalaria que lá se encontrava debaixo do comando do tenente Robi.

E entre estas contraditorias noticias, sem se saber em que firmarmos as nossas suposições, as horas continuavam na sua vagarosa marcha, pondo-nos contrações no estomago, arrepios na espinha e solavancos no coração.

Humberto Beça

Subsistencias

—=(*)=—

A' hora que escrevemos estão em Lisboa, alêm do snr. governador civil, outras individualidades que em nome do comercio local vão expôr ao titular da respectiva pasta e ao presidente do ministerio as suas razões de queixa contra o procedimento de uns fiscaes que, segundo afirmam, estão cometendo verdadeiros abusos e irregularidades na aplicação das disposições que regulam os preços de vários géneros.

A Associação Comercial, em magna reunião, decidiu telegraficamente reforçar, junto do governo, as representações que lhe deverão ser apresentadas pela autoridade superior do distrito, tendo sido tambem resolvido o encerramento geral do comercio se no praso de 48 horas não vier ordem de retirada aos referidos funcionarios.

Ora se o consumidor defendesse-se da mesma fórma os seus direitos, certamente a vida não estaria neste momento bem mais dificil e cara do que no tempo em que a guerra se encontrava no seu auge...

Mas...

A *União Sagrada* praticou no domingo uma verdadeira burla eleitoral. Na assembleia da Oliveirinha não houve eleição e na Povoa de Valado aconteceu o mesmo. No entretanto distribuiram-se, na primeira, votos aos candidatos que ámanhã devem ser contados na assembleia de apuramento.

Abaixo a burla!

Fóra a *chantage!*

Congo Belga

Alguns assinantes desta região e de entre eles o sr. José Simões da Silva, queixam-se-nos de que estão recebendo com bastante irregularidade o *Democrata*, cuja expedição para o ultramar, como para o continente, jámais deixou de ser feita com o cuidado devido, de fórma a evitar reclamações. Vêmos, porêm, que ainda assim se estão dando faltas e nessa conformidade só nos resta apelar para as repartições do correio, solicitando dos seus empregados a maxima atenção quer no envio quer na entrega deste jornal ás pessoas para quem vai endereçado. E desde já muito agradecidos, esperando que nos não obriguem á repetição do pedido.

Nunca é demais lembrar **A Seguradora.** Companhia de seguros contra todos os riscos.

Notas mundanas

Pelo seu aniversario natalicio, que passou no domingo, felicitâmos a sr.ª D. Maria das Dôres Freire e seu marido, o sr. José Moreira Freire, fazendo votos por que a data se repita, com alegria e satisfação, por dilatados anos.

Para assistir á festa de familia, veio de Lisboa, onde reside com seu filho, o nosso querido amigo Francisco Vieira da Costa, a mãe da aniversariante, sr.ª D. Ludovina Costa, que por estes dias retira novamente.

== Baptisou-se, recebendo o nome de Fausto, um filhinho do snr. Manuel Ferreira, a quem desejâmos todas as venturas.

== Vindo do Rio Grande do Sul, chegou á sua casa da Taipa, o snr. Jacinto Rodrigues Vitorio, prestante amigo deste jornal que muito afectuosamente lhe envia os seus cumprimentos.

== Vindo da França, encontra-se nesta cidade o distinto tenente-coronel medico, sr. dr. Zeferino Borges.

== Conta partir no fim deste mez para Manáus, o considerado negociante naquela praça, sr. Antonio Dias Pereira Junior.

== Encontra-se bastante doente o professor jubilado do nosso liceu, snr. João da Maia Romão.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Osorio.*

EM QUE FICAMOS?

—=(*)=—

Não se cançam os democraticos de afirmar que o snr. Egas Moniz é *talassa!*

Mas quizeram ou não com ele fazer um acordo eleitoral, chegando a estarem reunidos para esse fim?

Se o sr. Egas Moniz é monarquico, porque não procede o snr. ministro da guerra, demitindo do exercito os oficiaes que figuram como candidatos nas listas apresentadas pelo chefe do partido centrista?

Ou se fez o famoso saneamento como deve ser, abrangendo egualmente quem nessas condições estiver, ou então deixem ficar tudo como está, porque não póde ser pão para uns e pau para outros...

ELEIÇÕES CAMARARIAS

No proximo domingo, 25 do corrente, devem realisar-se as eleições camararias em todo o país.

Em Aveiro, certamente, todos quantos não sacrifiquem estupidamente á facciosidade partidaria os altos interesses e progressos do concelho, terão, como nós, a sua escolha feita, não obstante vários adventicios republicanos da *troupe* do *ilustre homem publico e antigo ministro*, andarem já na caça ao voto, para uma vereação da côr daquela que se imortalisou na realisação do vasto programa que meteu cloaca e tudo...

Um premio ao primeiro solicitado que lhe dê com... qualquer coisa nas ventas...

A proposito

Isto desceu tanto, tanto,
Que para ser deputado
Basta apenas ter talento
De ser um burro chapado.

Regimen de selecção?
Nesse caso eu quero meças,
Pois a escolha, que miseria!
E' feita agora ás avessas.

Esta lista que me impingem
Féde mal e, por desgraça,
Vêde bem como é formada
Com dois terços de talassa.

Dois terços d'agua, um de vinho,
Juro eu por minha fé
Que sendo grande mixordia
Não é vinho—é agua-pé.

E depois onde se acoita
Talento, ou que isso pareça,
Nesta gente que inculcaes?
Nas patas, ou na cabeça?

Ao futuro Parlamento,
Que nasce no mez das maias,
Já lhe chamam dos pitorras
Ou então dos Brazalaias...

Eleitor

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Consequencias

Dos jornaes da capital:

Está em Lisboa o snr. governador civil de Aveiro que vem conferenciar com o snr. ministro do interiôr ácêrca das anormalidades eleitoraes no seu distrito, e por motivo das quaes choveram no ministerio reclamações constantes e justificativas do sr. dr. Egas Moniz.

A eleição vai ser sindicada. O snr. ministro do interior requisitou ou requisitará um magistrado judicial da maxima independencia que irá a Aveiro diligenciar obter provas das violencias ou quaesquer irregularidades praticadas pela autoridade administrativa.

O sr. ministro do interior esforça-se por encontrar alguem que pela sua neutralidade politica se imponha ao respeito e consideração de toda a gente.

Os trampolineiros autores das façanhas do ultimo domingo, pódem ufanar-se com o primeiro resultado das suas habilidades.

NECROLOGIA

Em Coimbra, para onde ha mezes partira em procura dos recursos da sciencia para dar combate á terrivel enfermidade que o acometera—um amolecimento de espinha—faleceu o sr. José Elias Ribeiro, distribuidor postal de 1.ª classe, ha largos anos em serviço na estação desta cidade.

Bom e cumpridor funcionario, excelente chefe de familia e prestante cidadão, a sua morte foi muito sentida não só entre todo o pessoal da repartição a que pertencia, como entre quantos de perto o avaliavam as suas qualidades.

Casado, deixa viuva e filhos.

A' familia dorida o nosso sentimento.

No seu pedestal do Largo da Cadeia continua, imovel, a estatua de José Estevam, citado como o maior parlamentar do seu tempo.

E quem a cobrisse de crépes?...

SEMPRE O MESMO

Bichêsa, esfregando as mãos com aquela cara que é o refletor da imundicie daquele espirito:

— Estou encantado! Nunca imaginei que o eleitorado aveirense se pronunciasse tão fervorosamente, não só em especial pelo seu deputado tão querido, meu sobrinho, mas por toda a lista em conjunto. Explendida votação!

Sempre o mesmo cinico, ele, que sabe, como nós, os processos empregados para a *brilhante* vitória...

LIVRO

Oferecido pelo seu autor, o dr. Alberto Souto, recebemos ontem um volume intitulado *Evolução Historica do Seguro* em que o assunto é tratado com muita proficiencia e larga copia de conhecimentos.

Agradecemos.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 15

As eleições!

E caímos na arara de saír de casa persuadidos de que iriamos exercer o nosso legitimo direito de voto!

Que ilusão a nossa!

E' que, francamente, esperávamos tudo, menos assistir ao espectaculo levado a efeito na assembleia da Oliveirinha pela chamada *união sagrada*.

Aquilo foi uma coisa quasi inacreditavel. Imagine o leitor: votos, meia duzia; descargas, a esmo; triunfo completo!

E pronto.

Lembra-nos bem que nos ultimos tempos da monarquia, quando se avisinhava o dia da sua queda, havia mais pudor. Sem comparação. Já se não dividia a votação como quem reparte laranjas. Os republicanos opunham-se a essas tranquiberuas. Hoje, porêm, não só as consentem como as fazem. Vimos nós. E por isso nos retirámos convencidos de que a choldra republiqueira não fica a dever nada á choldra monarquica.

Tudo a mesma coisa.

—— Na assembleia da Povoa nem a mesa chegou a constituir-se por falta de eleitores. Depois de umas poucas de horas de espera, foi encerrada a porta, desandando os poucos que dentro se encontravam cada um para suas casas.

Ao menos foram honestos.

—— Na Cavadinha, proximo a S Bento, deu-se segunda-feira um desastre que custou a vida a um pobre operario da fabrica de ceramica e serração das Quintans.

Foi o caso que andando José Cardoso juntamente com outros seus camaradas a cortar pinheiros, um deles em tão má hora virou á terra que, atingindo-o, lhe fracturou o craneo, produzindo-lhe a morte pouco tempo depois de ter sido transportado a casa.

O infeliz dizem-nos que tinha pouco mais de 50 anos, deixa viuva e filhos e havia regressado da California á Quinta do Picado, donde era natural.

Simplesmente lamentavel.

—— Tambem no mesmo dia ficou debaixo dum carro de bois o lavrador da Oliveirinha, Manuel Lopes das Neves, cujo estado não é de molde a inspirar cuidados.

—— Festeja-se no proximo domingo a Senhora das Necessidades, no Carregal, que ali costuma atraír bastante gente dos logares circumvisinhos.

Na vespera haverá fogo, musica, iluminação e entremez, esforçando-se os rapazes do sitio por imprimir á noitada invulgar animação, como é proprio das festas de aldeia.

Oxalá tudo corra á medida dos seus desejos.

—— Foi hoje fazer uma melindrosa operação a Paradela, no concelho de Sever do Vouga, o ilustrado clinico de esta localidade, sr. dr. Abilio Marques.

C.

Alquerubim, 1

(Retardada)

As vinhas e os batatas que prometiam abundante colheita foram, em parte, queimados por a neve que caíu nas duas noites passadas. Está tudo perdido. Ha sitios onde as vinhas ficam completamente inutilisadas, sem póda para o ano que vem. Os lavradores estão desanimados.

—— Continua a fóme. O governo não manda vir milho para esta freguesia. Ha fóme, ha roubos e provavelmente haverá tumultos, porque os pobres não teem que comer. Estão as eleições á porta e por isso... a fóme pouco importa! Venham votos. Acudir á fóme fica para... depois.

C.